



BOCA DO POVO



OMAR PERES

omarperes.blogspot.com

A greve

• A paralisação dos ônibus, que ontem afetou a vida da população, foi programada para preservar 30% das frotas, em obediência à lei, porque serviço essencial não pode ser totalmente interrompido. Mas os trabalhadores do setor mandaram às favas a lei e cruzaram os braços. Quem vai cobrar?

• Ainda falta explicar a razão de se pretender 30% da frota circulando em caso de greve. Em que dados se baseia isso? Por que 30, não 20 ou 40%?

• Se todos os usuários saem prejudicados em greve de ônibus, muito mais os que se utilizam da linha Rodoviária, porque esses têm hora certa para embarque e desembarque. Ontem, muitas pessoas perderam as passagens e tiveram de adiar a viagem. Ônibus que leva passageiro ao terminal rodoviário não devia tomar parte em greve.

• Raro o que se viu ontem à tarde. Filas formadas nos pontos de táxis, que nada puderam fazer para suprir, ainda quer minimamente, a ausência dos ônibus. Em relação a táxis Juiz de Fora padece de vergonhosa indigência.

• Mas há sempre o que aprender nas horas de dificuldades. Na manhã de ontem, quando poucos ônibus circulavam, constatou-se que as frotas completas é que causam dificuldades no centro urbano. As avenidas Getúlio Vargas e Rio Branco viveram horas de tranquilidade, sem tumulto e com o tráfego rolando facilmente.

• A experiência serviu para confirmar o que todos sabem: os ônibus da Zona Norte não podem passar da Getúlio Vargas. E os da Zona Sul só até a Espírito Santo.

Com a Redação



SUFOCO NA ANDRADAS

A foto, de Ricardo Valle, é das 13h de ontem. Ela mostra o tumulto da Avenida dos Andradas, onde, se o tráfego é problemático e perigoso a qualquer hora do dia, pior em plena greve dos ônibus. Por ali flui parte do tráfego da Zona Norte, dos bairros Jardim Glória, Santa Catarina, Mariano Procópio, Ipê e São Pedro. E ainda é passagem para duas faculdades, dois colégios e unidade de atendimento à infância. Tudo agravado por pistas nos dois sentidos.

Quando a prefeitura fala em viadutos, uma prioridade é o que está programado para a Rua Mariano Procópio, que dividirá o fluxo com a Andradas.

Na pele

De um taxista anônimo: "Devia existir uma lei que obrigasse o político e a família a estudar em escola pública e só se tratar em hospital público. Aposto que em um ano tudo estaria uma maravilha".

Som infernal

As leis são feitas para resolver os problemas. É o que em breve deve acontecer, se os ve-readores estiverem atentos às suas responsabilidades e criarem lei proibindo que casas comerciais utilizem aparelhos de som com seus locutores apregoando as vantagens e ofertas do dia. Se todas as lojas tiverem direito de adotar esse recurso, em breve o centro estará transformado num inferno.

A coisa piora com os excessos. Ontem, na Rua Halfeld, um desses pregoeiros divertia-se fazendo gracinhas para as moças que passavam.

Quando o clima é uma ameaça

Há uma crescente preocupação com o conjunto de problemas climáticos decorrentes dos maus tratos que a sociedade industrial vem impondo ao meio ambiente. No Brasil e em todo o mundo. E com toda razão. É seca em excesso ou chuva demais, temperaturas altas, de repente lá em baixo, aridez e degelo se alternando, em situações jamais concebidas.

A irregularidade dos fenômenos constitui a dificuldade maior, pois é ela que conduz as demais dificuldades. Com isso, o que temos visto são os muitos estragos impostos à vida das populações.

Pois muito bem. Se o excesso gera destruição e doenças, a escassez, não menos nociva, traz vários inconvenientes para o cotidiano das pessoas, nelas afetando até o humor e limitando suas atividades.

Quando se trata de indesejável abundância de chuvas, o que pode salvar uma cidade são as obras

de controle das encostas e limpeza dos rios e dos córregos. Se elas faltam ou ocorrem irregularmente o que cabe esperar é a ação preventiva dos governantes, cabendo-lhes prover as garantias necessárias.

É o que precisamos dizer hoje, quando a cidade acaba de enfrentar um temporal que chegou para compensar alguns dos dias mais quentes que temos tido. E acabou que vieram outros tipos de dificuldades, como alagamentos, deslizamentos e prejuízos gerais. O que justifica, num crescendo, as preocupações, por causa do contraste: ou nossos mananciais vão secando, incapazes de abastecer a população por um período mais longo, ou é água fora das medidas. A administração municipal precisa se preparar para esses dois desafios, cada vez mais frequentes: excesso ou escassez.

O.P.